

CONSUMO DE ELETRICIDADE RETRAIU 1,5% EM MAIO

Mercado: Destaques

- ◆ Consumo Industrial com retração de 2,5%, maior decréscimo desde julho de 2016;
- ◆ Declínio nas classes Comercial (-2,4%) e Outras Classes (-2,0%). Consumo Residencial com ligeiro avanço (+0,7%);
- ◆ Nas regiões Sudeste e Sul, o resultado da classe Comercial foi impactado pelos grandes volumes de chuvas e pelo recuo nas atividades do setor;
- ◆ Dos 10 setores da indústria que mais demandaram energia elétrica em maio, 4 deles exibiram desempenho positivo sendo os maiores avanços observados nos ramos de extração de minerais metálicos (+7,8%) e papel e celulose (+2,1%);
- ◆ Na visão regional da indústria, enquanto Sul (+2,5%), Norte (+0,8%) e Centro-Oeste (+1,7%) foram as regiões com aumento no consumo de energia elétrica no mês, Nordeste (-10,3%) e Sudeste (-3,0%) exibiram quedas;
- ◆ Desempenho da classe residencial reflete contexto econômico ainda desfavorável para as famílias.

Condicionantes Econômicos

Atividade. Segundo o IBGE, em abril houve queda de 4,5% na produção industrial física (PIM -PF), contra 2016, configurando a queda mais intensa neste tipo de comparação desde outubro de 2016. Também houve queda de 5,6% no volume de serviços (PMS), a maior para o mês de abril. Por outro lado, o crescimento do volume de comércio de 1,9% (PMC) interrompeu a sequência de 24 meses de queda, favorecido pela Páscoa (em 2016 ocorreu em março). Em maio, o índice de evolução da produção da Sondagem Industrial (CNI), voltou a ficar acima dos 50 pontos (indica crescimento), registrando 53,8 pontos.

Mercado de trabalho. Os dados referentes ao mercado de trabalho mostram uma recuperação gradual, ainda que a taxa de desemprego permaneça em patamares altos, 13,6% no trimestre finalizado em abril, segundo a PNADC/IBGE. Em maio, os dados do CAGED/MTE mostraram uma criação de 34.253 vagas, no entanto, com ajuste sazonal, este saldo foi negativo em cerca de 7 mil vagas, segundo os cálculos do Bradesco. O destaque foi a agropecuária, em virtude da forte atividade do setor nos últimos meses.

Confiança. Os indicadores de confiança da indústria avançaram em maio. O ICEI/ CNI indicou aumento de 0,6 p.p em relação ao mês anterior e o ICI/FGV avançou 1,1 ponto. Entretanto, enquanto o indicador do CNI já indica confiança do empresário, a pesquisa da FGV ainda apresenta uma situação de pessimismo.

Com relação à confiança do consumidor, os indicadores apresentaram resultados distintos. O INEC/CNI registrou queda de 2,7% na margem, resultando um nível de confiança abaixo do ano anterior, e o ICC/FGV avançou 2,0 pontos.

Crédito: Em maio, houve recuo de 0,4% nas concessões de crédito deflacionadas pelo IPCA (BCB). O crescimento da conta Pessoa Física, tanto nos Recursos Livres (8,6%) quanto nos Recursos Direcionados (5,3%), foi compensado negativamente pelo desempenho da Pessoa Jurídica (-10,5% no total). Destacou-se, novamente, a redução do *spread* do crédito livre para pessoa física (4,5 p.p.) em função do cartão de crédito. Por outro lado, houve aumento significativo da inadimplência das empresas (0,4 p.p.), atingindo 6%.

Síntese

O consumo de energia elétrica na rede totalizou 37.955 GWh em maio, representado decréscimo de 1,5% em relação ao mesmo mês de 2016.

Enquanto as regiões Sul (-2,4%), Sudeste (-1,9%) e Nordeste (-2,1%) assinalaram retração na demanda de eletricidade em maio, Norte (+1,8%) e Centro-Oeste (+1,7%) registraram avanços. No acumulado em 12 meses, o consumo nacional de energia exibiu estabilidade em maio.

O mercado cativo das distribuidoras apresentou redução de 8,1% em maio e de 5,5% em 12 meses, o consumo livre aumentou 17,3% no mês e 16,6% em 12 meses.

Em relação ao número de unidades consumidoras de energia elétrica no País, o avanço foi de 2,2% em maio frente ao mesmo mês de 2016.

Veja também nesta edição

Indústrias	2
Residências	3
Comércio e serviços	3
Box. COPAM - Workshop Jºho de 2017	4
Estatísticas de consumo de eletricidade	6

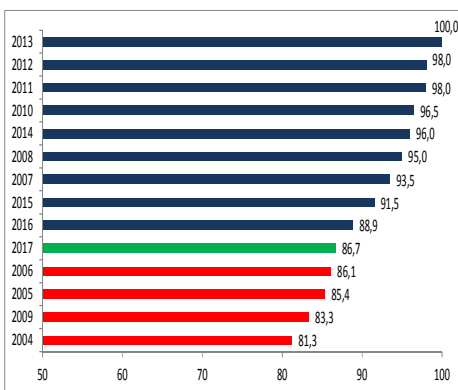
Consumo industrial caiu 2,5% em maio

No mês de maio, o **CONSUMO INDUSTRIAL*** de energia elétrica no país foi de 13.496 GWh, representando recuo de 2,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Ao longo de 2017, tem se observado um declínio do indicador acumulado do ano, que, em maio, atingiu a estabilidade. Por outro lado, a queda no acumulado de 12 meses vem exibindo moderação (*vide tabela a seguir*), muito em função da base baixa do 1º semestre de 2016. Vale ressaltar que maio de 2017 possuiu 1 dia útil a mais que o mesmo período do ano passado.

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
No mês	4,2	-1,2	-0,1	0,1	-2,5
Acum. Ano	4,2	1,4	0,9	0,7	0,0
Acum. 12 M	-1,6	-1,1	-0,7	-0,3	-0,2

O gráfico mostra que o consumo das indústrias em mai/17 está maior apenas que o de maio dos anos de 2004, 2005, 2006 e 2009 (reflexo da crise financeira internacional de 2008), longe da demanda para o mês do ano de maior consumo industrial (2013) na série acompanhada pela EPE desde 2004.

Brasil: Comparação relativa do consumo industrial de energia elétrica. Maio 2004-2017 (2013 base 100). Fonte: EPE/COPAM



Alguns indicadores permaneceram desfavoráveis em maio, tais como: (i) a demanda por crédito das indústrias que declinou 9,5% no mês (SERASA EXPERIAN); (ii) as vendas internas de cimento que caíram 5,5% em maio segundo a SNIC (queda de 8,9% no acumulado do ano); (iii) as vendas de máquinas e equipamentos com recuo de 10,5% em abril de acordo com a ABIMAQ (decréscimo de 10% no 1º quadrimestre do ano); (iv) a alta ociosidade do parque produtivo (em torno de 25%) que se manteve em maio (FGV/IBRE).

Em outro sentido, o mês também reservou alguns sinais positivos para a indústria, tais como a criação de 1.433 vagas formais de trabalho na indústria de transformação (CAGED/MTE) e o aumento da produção industrial em maio em relação a abril, con-

soante divulgação da CNI no mês.

No campo externo, dados do MDIC de maio apontaram que o *quantum* importado no mês cresceu 4,6%, o que pode sugerir uma tímida evolução da demanda interna em relação a mai/16, apesar da base de comparação ser baixa. Já as exportações também foram favorecidas em maio (+6,6% em volume), em especial pelas vendas externas de automóveis, setor que consome matéria-prima e serviços de diversos outros ramos industriais, tais como plásticos, vidros, pneus, motores, materiais elétricos, entre outros, o que talvez possa indicar um relativo estímulo para a indústria nacional.

A tabela ao lado mostra o desempenho da demanda de energia dos 10 principais segmentos da indústria em maio/17.

O crescimento do consumo de eletricidade na atividade extrativa de minerais metálicos foi de 7,8% em maio, o maior entre os segmentos industriais. A extração de minério de ferro no Pará (+8,5%) e em Minas Gerais (+12,0%) contribuíram para este resultado, refletido nas estatísticas do MDIC de volume exportado de minério de ferro e seus concentrados (+3,3%) no mês.

No segmento de Papel e Celulose, o consumo evoluiu 2,1% em maio. Destaque para as expansões na demanda de energia elétrica em Santa Catarina (+11,0%), em função da produção de papel, e no Paraná (+11,1%), relacionada às atividades de produção de papel e de fabricação de celulose e outras pastas. A performance do setor está em linha com o progresso de 16,9% nas vendas externas de celulose em maio (dados do MDIC) e com o aumento de 5,8% nas vendas de papelão ondulado no mês (ABPO).

O ramo alimentício sinalizou evolução no consumo de 1,1% em maio. No Nordeste (+2,5%), o avanço de Pernambuco (+6,2%) está ligado ao abate de aves, à fabricação de farinha de milho e derivados e à produção de massas alimentícias. Já no Centro-Oeste (+3,0%), o progresso de Mato Grosso (+5,8%) está associado ao esmagamento de grãos e à fabricação de óleos. Ao passo que o abate e produção de carnes no Pará (+12,6%) ajudou a suavizar a queda na demanda do setor no Norte (-2,5%), no Sul (+0,5%), se destacaram o abate de aves e a produção de carne, banha e produtos de salsicharia em Santa Catarina (+3,3%).

A demanda de energia do ramo têxtil cresceu 1,1% em maio. O aumento no consumo catarinense no setor (+7,0%) se sobressaiu no Sul (+5,3%), relacionado às atividades de fabricação de tecidos de malha e de artigos de vestuário. No Nordeste (-20,8%), o avanço no Ceará (+6,2%), sobretudo nas

atividades de fabricação de tecidos estampados de algodão, fios de algodão retorcidos e tecidos de denim, índigos e brins, moderou as quedas do consumo em Pernambuco (-49,4%) e na Paraíba (-4,2%).

Consumo industrial por setor	
Δ% mai/2017 (*)	
Crescimento	
Extração minerais metálicos	7,8
Papel e Celulose	2,1
Prod alimentícios	1,1
Têxtil	1,1
Queda	
Automotivo	-0,7
Borracha e material plástico	-0,7
Prod metal, exceto maq equip	-1,0
Químico	-4,5
Metalúrgico	-4,7
Prod minerais não-metálicos	-6,9

(*) ante mai/2016

Fonte: EPE/COPAM

O declínio de 4,5% na demanda de eletricidade do ramo químico em maio foi puxado pelas retrações no consumo das atividades de fabricação de intermediários para plásticos, resinas e fibras artificiais na Bahia (-8,0%); de produção de soda-cloro em Alagoas (-29,6%) - onde se verificou para manutenção de planta; de fabricação de produtos químicos inorgânicos e de gases industriais em Minas Gerais (-6,1%); e de produção de insumos químicos ligados à indústria de papel no Espírito Santo (-22,9%).

O ramo metalúrgico exibiu no mês a primeira taxa negativa (-4,7%) desde abril/16. Influenciaram neste resultado a siderurgia e a metalurgia de metais não-ferrosos em São Paulo (-3,1%) e a siderurgia e as ferroligas em Minas Gerais (-7,8%). Nos estados paulista e mineiro, a siderurgia apresentou recuo na produção em maio, retratado nas estatísticas de produção de aço bruto, laminados e semiacabados para vendas do IABR no mês (-19,8% e -3,3%, respectivamente). No Ceará (-61,9%) e no Rio de Janeiro (13,2%), plantas siderúrgicas que possuem autoprodução demandaram menos energia elétrica da rede no mês em relação a maio do ano passado.

Por fim, o setor de Fabricação de produtos de minerais não-metálicos continuou enfraquecido em maio (-6,9%), impactado pelo declínio na produção de cimento no Distrito Federal (-27,7%), no Pará (-41,1%) e em Minas Gerais (-8,3%).

Entre as regiões, Sudeste (-3,0%) e Nordeste (-10,3%) registraram em maio os menores consumos para o mês em toda a série monitorada pela EPE desde 2004. Por sua vez, Sul (+2,5%), Centro-Oeste (+1,7%) e Norte (+0,8%) anotaram avanços no mês. ■

Moderação no consumo residencial

Sem contribuição relevante da temperatura, o consumo **RESIDENCIAL** em maio, de 11.010 GWh, foi praticamente condicionado pelo cenário econômico, apresentando crescimento de apenas 0,7% frente mesmo mês de 2016.

Feito o ajuste no ciclo de faturamento, a fim de torná-lo equivalente nos dois períodos, considerando que em 2017 houve mais dias faturados, se verificaria estabilidade (-0,1%) no consumo, confirmando assim o fraco desempenho da classe no mês.

Com desemprego alto (dados até abril) e aumento da inadimplência, o que predomina para as famílias até o momento é um ambiente de dificuldade, ainda que já se observe algumas sinalizações positivas entre os condicionantes econômicos, como desinflação e redução das taxas de juros no crédito ao consumidor.

Alinhado a esse contexto, o consumo médio residencial não tem mostrado uma recuperação consistente, conforme ilustrado no gráfico. Nesse sentido, entre outros fatores, destaca-se as vendas de eletrodomésticos em volume 7,4% mais baixo no acumulado em 12 meses.

Em todos os estados do Sul (-6,6%), o consumo nas residências caiu em maio, sendo que de modo mais acentuado em Santa Catarina (-11,6%) e no Rio Grande do Sul (-7,0%), onde choveu muito mais do que o esperado para o mês. A base elevada de consumo em 2016, por influência da temperatura, também contribuiu para o resultado da região.

No Sudeste (+0,7%), os dois maiores mercados tiveram desempenhos distintos, enquanto o consumo cresceu em São Paulo (+3,3%), no Rio de Janeiro (-5,0%), teve queda. A região foi a mais afetada pela diferença no ciclo de faturamento, e, expurgado este efeito, seu resultado no mês teria sido

de -0,8%, com taxas ajustadas de 1,8% e -8,2% para São Paulo e Rio de Janeiro.

O aumento do consumo no mês foi maior no Norte (+4,9%) e no Centro-Oeste (+5,7%), regiões que, no ano, apresentam baixo desempenho, com, respectivamente, retração

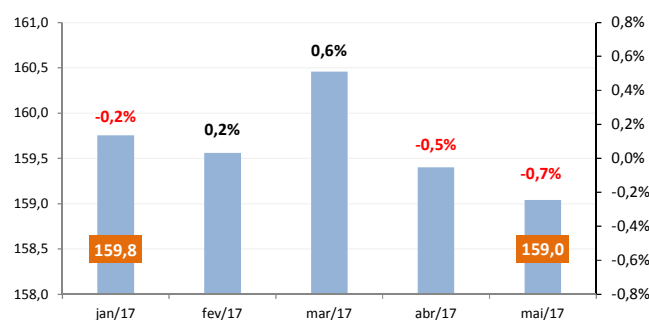
de 2,3% e crescimento nulo.

No Norte (+4,9%), o consumo cresceu 8% no Pará e 12,3% em Rondônia, por outro lado, no Amazonas, segundo maior mercado na região, novamente se registrou queda no consumo (-1,0%), situação que se repete desde julho.

No Centro-Oeste, a principal contribuição veio do Mato Grosso, onde temperaturas mais altas, base baixa de comparação e campanha de recuperação de perdas iniciada no primeiro trimestre contribuíram para o resultado de 14,4% no estado.

No Nordeste (3%), apenas Maranhão (-3,8%) e Ceará (-1,5%) apresentaram resultado negativo. ■

Brasil: Consumo médio residencial, valores em kWh/mês e variação (%) em relação igual mês do ano anterior. Fonte: EPE/COPAM



Queda de 2,4% em Comércio e Serviços em maio

O consumo de eletricidade pela classe **COMERCIAL** caiu 2,4% no mês de maio, com isso, o volume no mês foi de 7.199 GWh.

Dentre as variáveis associadas ao consumo de eletricidade, observou-se que na segunda quinzena de abril e na primeira do mês de maio as oscilações nas temperaturas em relação às médias do período em 2016 foram pequenas, ficando na maioria das capitais levemente superiores às do ano anterior, não sendo assim relevantes para a queda no consumo. Porém, as chuvas possivelmente contribuíram para isso em alguns estados. De acordo com o GT MCTIC-MME no período considerado “as precipitações superaram a média histórica na maior parte da Região Sul, no Mato Grosso do Sul, em São Paulo e no Espírito Santo, enquanto que na maior parte de Minas Gerais, Goiás e Bahia, foram próximas aos valores nor-

mais, ainda que com variabilidade espacial. No restante do país, as precipitações acumuladas foram inferiores à média histórica, com destaque para a maior parte da Região Norte, o norte da Região Centro-Oeste e o norte do Semiárido Nordeste”.

Dentre os indicadores econômicos, verificou-se que as vendas no comércio entre os dias 8 e 15 de maio para o dia das mães cresceram 2,0% em relação ao período equivalente em 2016, sendo esse o primeiro resultado positivo desde 2014, porém no mês como um todo, o recuo da atividade varejista foi de 0,1%, como informado pela SERASA EXPERIAN, que também reportou alta de 7,2% na procura por crédito em relação a maio de 2016.

Conforme as regiões do país, houve redução no consumo de eletricidade no Sul (-6,4%) e no Sudeste (-3,0%), nas quais todos os estados apresentaram redução,

com a maior queda proporcional registrada no Rio Grande do Sul (-7,7%), seguido de São Paulo (-4,0%), estado que respondeu por 53,4% do decréscimo em volume na comparação com igual mês de 2016.

No Nordeste, a leve alta de 0,6% reflete o desempenho do Maranhão (-5,9%), Ceará (-1,7%) e Pernambuco (-1,6%), pois os demais registraram crescimento, sendo o maior em Alagoas (+4,7%).

Mesma variação positiva também foi verificada no Norte (+0,6%), como resultado do crescimento no Pará (+3,0%) que contribuiu para amenizar a forte queda no Amazonas (-4,2%).

Por fim, na região Centro Oeste o consumo variou 1,0%, com os estados do Mato Grosso e Goiás em elevação, 7,7% e 2,1% na ordem, e Mato Grosso do Sul e Distrito Federal em queda, -3,0% e -3,1% respectivamente. ■

Nos dias 07 e 08 de junho foi realizado mais um Workshop do mercado de energia elétrica no âmbito da Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica— COPAM sob a coordenação da Superintendência de Estudos Econômicos e Energéticos da DEA. O evento contou com a presença das concessionárias de energia elétrica, do ONS, da CCEE e do MME.

:: Conjuntura Econômica EPE

No que se refere à conjuntura econômica, foram tratados os aspectos relacionados à melhoria dos indicadores de expectativa, como intenção de investimento e confiança, apesar do baixo desempenho dos indicadores de atividade, além dos indicadores da demanda interna que não firmaram tendência clara de recuperação. A indústria segue com elevada ociosidade da capacidade instalada e o comércio com fraco desempenho nas vendas. As projeções para o curto prazo são impactadas pelos resultados negativos do ano de 2016, dado o efeito carregamento estatístico que afetará o PIB de 2017, juntamente com as incertezas relacionadas à instabilidade política, que prejudicam as expectativas dos agentes, bem como dos níveis deprimidos de emprego e da situação fiscal. Contudo, espera-se que o balanço do ano de 2017 seja positivo, com a queda da inflação e dos juros, além do excelente desempenho do setor agropecuário. Ao final, foi apresentado o cenário de referência para a economia

brasileira considerado pela EPE, cuja premissa é de recuperação gradual. Inicialmente, o alto nível de ociosidade viabiliza a retomada de crescimento, ainda que dificulte a recuperação dos investimentos que voltam a crescer mais fortemente no médio prazo. Além disso, a economia é beneficiada pelo bom desempenho do setor externo. Como fatores que limitam o crescimento, foram citadas as baixas taxas de poupança interna e produtividade.

:: Mercado de Carga ONS

O acompanhamento mensal do SIN apresentado pelo ONS demonstrou que o crescimento da carga até o mês de maio estava em 1,5%, enquanto o desvio em relação ao esperado no PEN 2017 situava-se em -0,7%. O Operador elencou como fatos relevantes no período de janeiro a março as temperaturas superiores às ocorridas no mesmo período de 2016, que contrapostas à ocorrência em janeiro de 2016 de chuvas intensas principalmente nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, acompanhadas de temperaturas amenas para aquela época do ano, influenciaram negativamente o comportamento da carga, contrariando a sazonalidade típica para o período. Já no mês de abril, o menor número de dias úteis em relação ao mesmo mês de 2016 e as temperaturas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste próximas à média dos últimos anos, diferentemente da ocorrência de temperaturas muito elevadas nessas regiões no ano anterior. Em maio, o maior número de dias

úteis em relação ao mês em 2016 e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste o registro de temperaturas próximas à média dos últimos anos, enquanto que na região Sul foram superiores às de maio de 2016. No Norte foram destacadas a baixa precipitação acompanhada de temperaturas elevadas e variação de carga de alguns consumidores livres da rede básica.

:: Mercado de Eletricidade EPE

No mercado de eletricidade, o fechamento do ano de 2016 teve como destaque a contração de 1,9% na região Sudeste, relevante para o resultado geral de -1,0%. Na evolução trimestral, o Sul registrou alta de 4,8%, enquanto que o crescimento no país foi de 1,9%. Assim, tem-se que o consumo total até o final do primeiro trimestre de 2017 situou-se em patamar próximo ao do ano passado. Na classe Industrial, que veio de um contexto desfavorável desde meados de 2015, se observaram quedas menos intensas e também alguns avanços no consumo de eletricidade nos últimos meses, principalmente nos setores têxtil, automotivo e metalurgia, para cujos resultados estão contribuindo a base baixa de 2015/2016 e as exportações. No consumo comercial, houve queda de 2,8% em 2016, para o quê contribuiu o fechamento de 101,9 mil estabelecimentos comerciais, a falta de dinamismo no mercado de trabalho e o crédito mais caro e restrito. Na classe Residencial também as condições ruins de renda e empre-

go impactaram o consumo, que mostrou crescimento abaixo da média histórica do período de 2004 a 2015. Conforme a modalidade de contratação, cativo e livre, registraram-se comportamentos distintos, enquanto no primeiro houve queda no consumo, o segundo cresceu, muito por conta das migrações decorrentes das diferenças de preços nos dois mercados. As perdas de eletricidade e as projeções de demanda do ano de 2017 foram abordadas também a partir das informações dos agentes, sendo que as primeiras situam-se entre 3,1%, no Sul do país, e 27,8% no Norte, enquanto que a expectativa de evolução do mercado das distribuidoras fica entre -1,6% e 12,0%.

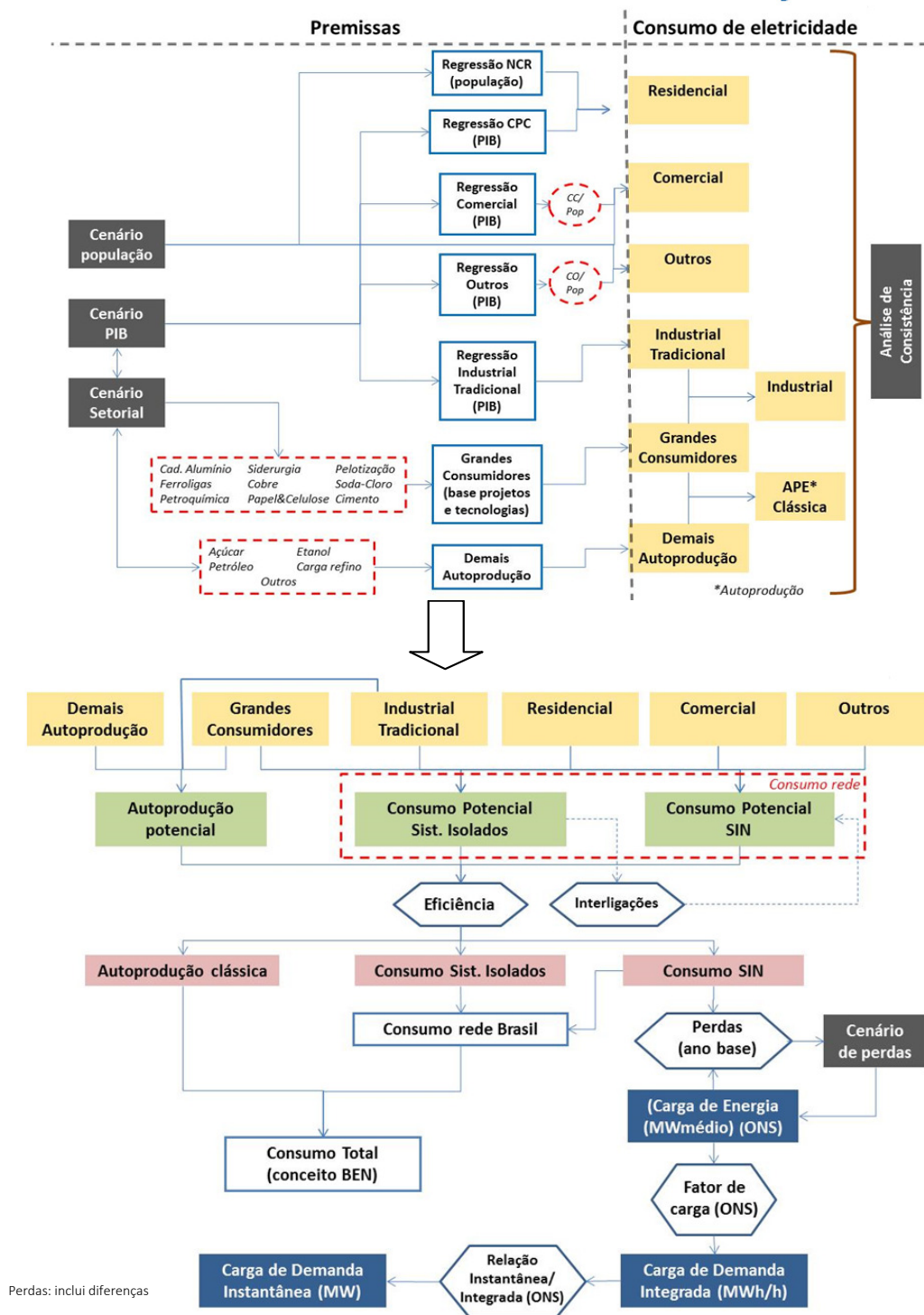
:: Projeções do Mercado de Eletricidade EPE

No que diz respeito às projeções de demanda de eletricidade, a apresentação da metodologia esclareceu aos agentes que a produção de estudos de demanda dos planos PNE e PDE é subsidiada pelas bases de dados dos sistemas SIMPLES/SAM e pelas reuniões da COPAM, nos quais são fornecidos dados históricos e projeções das concessionárias, cuja coleta respalda-se na portaria MME-331/2005 e na RN-ANEEL-414/2010. Para a projeção macroeconômica é empregado o Modelo de Consistência Macroeconômica – MCM dividido em quatro blocos: setor público, setor externo, investimentos e contas nacionais, cuja ideia central é a de que o movimento das variáveis

endógenas, como função da evolução das variáveis exógenas, atenda a restrição de que, em um dado período, o dispêndio nacional seja totalmente financiado doméstica ou externamente.

Para a projeção conforme os setores indústria, serviços e agropecuária, o modelo de análise e consistência setorial se vale do valor agregado desses setores na parte quantitativa e na qualitativa dos estudos setoriais, planos estratégicos e acompanhamento constante desses setores. A projeção do consumo de eletricidade na rede é elaborada por subsistema elétrico - Norte, Nordeste, Sudeste/CO e Sul e Sistemas Isolados - e por classe de consumo - residencial, industrial, comercial e outras (rural, iluminação pública, serviços públicos, poderes públicos, e consumo próprio das concessionárias). A projeção por classe de consumo se baseia na calibração dos parâmetros característicos das respectivas elasticidades de acordo com as análises qualitativas a partir dos dados históricos de consumo em cada subsistema e da evolução da economia. Para isso, são avaliadas variáveis conjunturais, climáticas e de competição entre fontes no consumo de eletricidade. Além disso, são mapeadas evoluções setoriais para a indústria eletrointensiva baseadas na análise do valor adicionado de tais segmentos, bem como na expectativa de produção física, demanda interna, exportação, nível de utilização, expansão de capacidade etc. Por fim, com a aplicação de fatores de eficiência com base em potenciais levantados principalmente

VISÃO GERAL DA METODOLOGIA DE PROJEÇÃO



pelo Balanço de Energia Útil (BE_U) e, para o caso industrial, a tecnologia associada a cada planta chega-se ao consumo final de eletricidade.

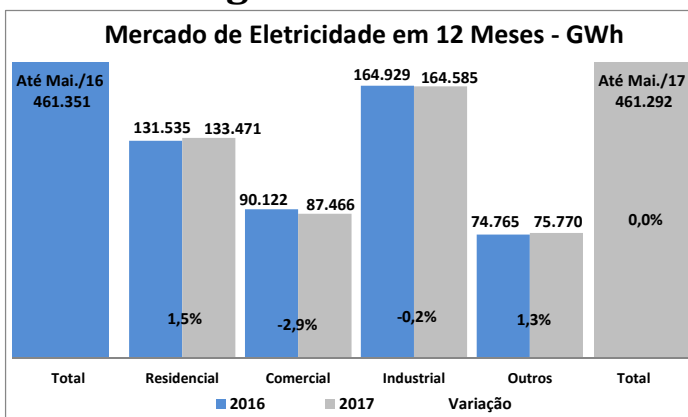
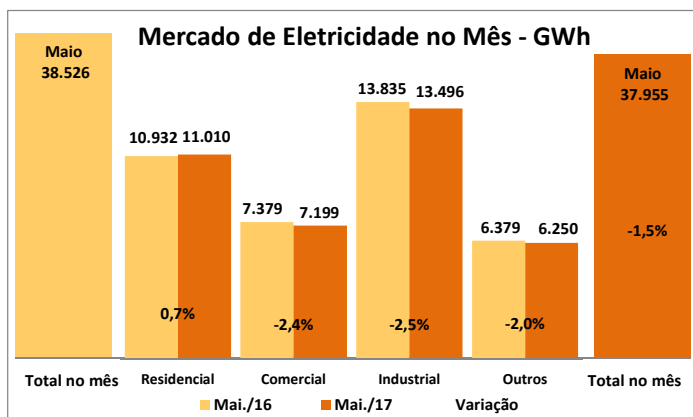
:: Projeções do Mercado de Eletricidade pelos agentes

As concessionárias fizeram uso do espaço destinado aos agentes com a apresentação da metodologia de previsão de mercado pela energia injetada por parte do Grupo Neoenergia, e a metodologia de cálculo da energia não faturada pela Light, que se refere ao descolamento entre o mês civil e o período de leitura do consumo de eletricidade e o seu faturamento pela distribuidora.

Os encontros presenciais periódicos com os agentes são prática consolidada pela EPE/DEA/SEE, e são importantes para o aperfeiçoamento das ferramentas e conceitos utilizados no setor, os quais resultam em estudos de melhor qualidade e previsões mais acuradas, o que determina melhores resultados coletivos. ■

Foram ainda tratados aspectos conceituais relativos às perdas, técnicas e não técnicas, e à geração distribuída.

Estatísticas do Consumo de Energia Elétrica



	CONSUMO CATIVO			CONSUMO LIVRE		
	TWh	Δ %		TWh	Δ %	
Maio	26,2	-8,1	▼	11,8	17,3	▲
12 meses	327,3	-5,5	▼	134,0	16,6	▲

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares.



REGIÃO/CLASSE	EM MAIO			ATÉ MAIO			12 MESES		
	2017	2016	%	2017	2016	%	2017	2016	%
BRASIL	37.955	38.526	-1,5	195.395	194.931	0,2	461.292	461.351	0,0
RESIDENCIAL	11.010	10.932	0,7	57.812	57.213	1,0	133.471	131.535	1,5
INDUSTRIAL	13.496	13.835	-2,5	67.545	67.516	0,0	164.585	164.929	-0,2
COMERCIAL	7.199	7.379	-2,4	38.292	38.699	-1,1	87.466	90.122	-2,9
OUTROS	6.250	6.379	-2,0	31.746	31.503	0,8	75.770	74.765	1,3
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	236	232	1,8	1.148	1.211	-5,2	2.879	2.962	-2,8
NORTE	2.903	2.890	0,5	13.707	13.858	-1,1	34.282	34.096	0,5
NORDESTE	6.076	6.194	-1,9	30.288	30.530	-0,8	73.064	72.526	0,7
SUDESTE/C.OESTE	22.071	22.379	-1,4	113.799	113.724	0,1	268.159	270.310	-0,8
SUL	6.669	6.831	-2,4	36.453	35.608	2,4	82.908	81.457	1,8
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.896	2.844	1,8	13.621	13.783	-1,2	33.909	33.998	-0,3
RESIDENCIAL	792	755	4,9	3.667	3.754	-2,3	9.388	9.389	0,0
INDUSTRIAL	1.288	1.278	0,8	6.193	6.193	0,0	15.040	14.995	0,3
COMERCIAL	418	415	0,6	1.935	1.996	-3,0	4.848	5.021	-3,4
OUTROS	399	396	0,6	1.826	1.839	-0,7	4.632	4.593	0,8
NORDESTE	6.621	6.760	-2,1	32.956	33.269	-0,9	79.833	79.194	0,8
RESIDENCIAL	2.322	2.255	3,0	11.429	11.365	0,6	26.974	26.271	2,7
INDUSTRIAL	1.796	2.001	-10,3	9.198	9.636	-4,6	22.887	23.526	-2,7
COMERCIAL	1.204	1.196	0,6	5.986	6.013	-0,4	14.296	14.159	1,0
OUTROS	1.299	1.307	-0,6	6.343	6.254	1,4	15.677	15.237	2,9
SUDESTE	18.840	19.210	-1,9	97.918	97.803	0,1	230.085	231.511	-0,6
RESIDENCIAL	5.368	5.331	0,7	28.674	28.251	1,5	65.219	64.436	1,2
INDUSTRIAL	7.024	7.245	-3,0	35.557	35.589	-0,1	86.945	87.240	-0,3
COMERCIAL	3.842	3.961	-3,0	20.592	20.909	-1,5	46.557	48.583	-4,2
OUTROS	2.605	2.673	-2,5	13.094	13.054	0,3	31.363	31.252	0,4
SUL	6.669	6.831	-2,4	36.453	35.608	2,4	82.908	81.457	1,8
RESIDENCIAL	1.594	1.707	-6,6	9.345	9.147	2,2	20.912	20.353	2,7
INDUSTRIAL	2.646	2.582	2,5	13.053	12.500	4,4	31.100	30.471	2,1
COMERCIAL	1.138	1.216	-6,4	6.690	6.704	-0,2	14.603	14.993	-2,6
OUTROS	1.291	1.327	-2,7	7.365	7.257	1,5	16.293	15.639	4,2
CENTRO-OESTE	2.928	2.880	1,7	14.446	14.468	-0,2	34.557	35.191	-1,8
RESIDENCIAL	935	885	5,7	4.697	4.696	0,0	10.977	11.086	-1,0
INDUSTRIAL	741	729	1,7	3.544	3.597	-1,5	8.613	8.696	-1,0
COMERCIAL	597	591	1,0	3.088	3.076	0,4	7.162	7.365	-2,8
OUTROS	655	675	-3,0	3.117	3.099	0,6	7.805	8.044	-3,0

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Para mais informações sobre o mercado de energia: copam@epe.gov.br

Coordenação Geral
Luiz Augusto Nobrega Barroso

Ricardo Gorini de Oliveira

Coordenação Executiva

Jeferson B. Soares

Comunicação e Imprensa

Maura Cruz Xerfan

Filippo Silva (estagiário)

Equipe Técnica

Aline Moreira Gomes

Alex Yujhi Gomes Yukizaki

Arnaldo dos Santos Junior

Carla C. Lopes Achão (coordenação técnica)

Isabela de Almeida Oliveira

João M. Schneider de Mello

Lidiane de Almeida Modesto

Marcia Andreassy

Nathália Thaisa Calazans (estagiária)

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas

Para obter as séries históricas de consumo mensal, acesse a seção **Economia e Mercado Energético** no endereço eletrônico: <http://www.epe.gov.br>